

REFLEXÕES SOBRE LITERATURA COMPARADA E LEITURA NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS

Marcia Sant'Ana Santos¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo principal apresentar algumas reflexões acerca da Literatura Comparada sob a ótica dos Estudos Culturais. Para dar conta deste intento, destacam-se as contribuições que os Estudos Culturais legaram ao comparativíssimo literário, no que tange às questões artísticas e sociais. Dessa forma, são ressaltados os pontos de convergência e de divergência nas fronteiras disciplinares de cada um desses campos de investigação, cada um deles pautados pela prática transdisciplinar, principal norte das correntes teóricas contemporâneas. Assim, é possível pensar sobre como a Literatura Comparada no Mestrado em Crítica Cultural pode reger outros posicionamentos para pôr em ação temáticas para a construção de uma discussão sobre o sujeito com Síndrome de Down (S.D.), haja vista o seu caráter plural e multidisciplinar.

Palavras-Chave: Contribuições. Estudos Culturais. Literatura Comparada. Multidisciplinar.

INTRODUÇÃO

A Literatura Comparada realiza uma prática comparativa de textos literários pautada nos critérios de nacionalidade (se europeia, se americana, se asiática, por exemplo), de autoria, de gênero, de estilo, entre outros, ou então para discutir influência, fontes, enfim. Ou seja, comparar no intuito de classificar textos em literários ou não literários.

Porém, num Programa como o da Crítica Cultural, cuja perspectiva é discutir, dentre outras, as questões de gênero, de

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientador: Prof. Dr. Osmar Moreira Santos. Endereço eletrônico: msasantos@uneb.br.

raça, do ponto de vista de outros ângulos daqueles que tiveram cerceada a sua fala, dos invisibilizados socialmente, o termo “comparar” adquiriu então outra dimensão: passou a ser entendido como pôr em relação as várias dobras discursivas possíveis de serem identificadas quando nos posicionamos em bases diferentes dos já apresentados pela tradição da análise literária, pautadas numa ideologia dominante. Que nos conduz sempre aos mesmos caminhos. A Literatura Comparada identifica-se com a crítica cultural, pois envolve e agrega-se ao estudo de representações literárias e dos modos de produção das minorias e comunidades periféricas, bem como dos modelos historiográficos, teóricos e críticos que fundamentam sua interpretação, problematizando formas, suportes, métodos, formações discursivas e embates epistemológicos. Ela concatena-se, também, com temáticas a respeito de Pessoas com Deficiência (PCD), principalmente no momento em que se pesquisa sobre um tema em que envolve as *linguagens, interações, criatividade e produção de uma jovem com Síndrome de Down* que cria desenhos de moda. Essa pesquisa envolve um trabalho semiótico, não só a partir de desenhos produzidos por uma jovem (Luma) com Síndrome de Down (sujeito da pesquisa), mas também da performance por ela apresentada. A investigação se pauta em questionar como este sujeito se expressa e percebe o mundo em sua volta e de que forma, junto com seus pares, podem se revelar como potências criativas, passíveis de interferir politicamente numa realidade que os invisibiliza e os exclui. Assim, tem-se como objetivo geral analisar a expressão artística (os desenhos) do sujeito da pesquisa como expressão de desejos e de vivências, utilizando para isto a sua linguagem, a sua visão particular de mundo. Vemos, neste caso, os desenhos desta jovem como um grande texto, e a sua condição de S.D como um acréscimo de um olhar particular para o mundo, de um ponto de vista sobre ele, diferente do que lhe é apresentado como “normal”, afirmando-se

assim que há sempre outras leituras possíveis a serem feitas daquilo que nos apresentam como única verdade.

Sendo a Crítica Cultural inspirada pelos Estudos Culturais, pois estes provocam outros destinos para a pesquisa acadêmica, com outra metodologia, para além de um único olhar, hegemônico, para questões universais, considera-se como importante, neste artigo, fazer algumas reflexões sobre a Literatura Comparada, destacar a relevância dos Estudos Culturais e, por fim, evidenciar como dialogam na abertura de outros canais de luz para a apreciação de textos.

O QUE É A LITERATURA COMPARADA?

Podemos começar dizendo que a Literatura Comparada se configura como uma perspectiva teórico-metodológica que estuda a literatura pautada em diferentes vieses, de modo multidisciplinar, mantendo um diálogo com outros campos do conhecimento. De acordo com Carvalhal (2006, p. 7): “a Literatura Comparada não compara apenas pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de investigação literária uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe”.

Neste sentido, para Nitrini (2015), o século XIX foi:

[...] o marco temporal de sua instituição como uma atitude intelectual mais cultivada e, também, como uma disciplina acadêmica no contexto europeu. Cogita-se que a expressão “literatura comparada” derivou de um processo metodológico aplicável às ciências, no qual comparar ou contrastar servia com um meio para confirmar uma hipótese (NITRINI, 2015, p. 20).

Ao longo do tempo, a Literatura Comparada tem passado por mudanças, sobretudo, pela proposta de um discurso descentralizador, atento à diversidade, aproximando-se, dessa forma, do comparatismo com as questões culturais, o que a

faculta um caráter interdisciplinar (COUTINHO², 1996, p. 69). Assim sendo, para o autor, as modernas propostas vieram conferir a esta literatura característica plural e interdisciplinar, o que traz contribuições fortuitas para o comparativismo literário.

Nesse sentido, levam-se em consideração conceitos de territorialização, desterritorialização, com isto abrindo fissuras na hegemonia eurocêntrica assentada desde a Segunda Grande Guerra, quando começam a se pôr em evidência as comunidades, historicamente, colocadas à margem em análise de textos, a exemplo da Índia, da Ásia e da América Latina.

Portanto, pode-se inferir que a Literatura Comparada se constitui, hoje, como um espaço de pesquisa amplo, que abrange de modo significativo várias questões, principalmente, as políticas, deste mundo globalizado, tendo em vista o fato do entrecruzamento de culturas, das mais próximas as mais distantes e, aparentemente, díspares, numa perspectiva transnacional. Sendo assim, confirma-se o diálogo que esta literatura pode manter com a Crítica Cultural, inicialmente, inspirada pelos Estudos Culturais.

ENTENDENDO AS BASES DOS ESTUDOS CULTURAIS

O termo Estudos Culturais (*Cultural Studies*) é inaugurado na academia por volta da primeira década dos anos de 1960, com as contribuições teóricas de Richard Hoggart, professor universitário de literatura e de Raymond Williams, fundadores do *Centre for Contemporary Cultural Studies*, na Universidade de Birmingham.

² Autor do texto intitulado “Literatura Comparada, Literaturas Nacionais e o Questionamento do Cânone” e publicado em 1997, na Revista Brasileira de Literatura Comparada. Nele, Coutinho elabora reflexões sobre o desenvolvimento contemporâneo do comparativismo literário, especialmente a partir da década de 70.

Assim sendo, os Estudos Culturais abarcam no seu corpo interdisciplinar outros ramos do conhecimento, tal como a antropologia, a psicologia, a sociologia, a história, a psicanálise e a semiótica para, assim, iluminar determinados aspectos de uma cultura, incluindo, como é evidente, os estudos relacionados ao campo literário. Segundo Hall, “os Estudos Culturais não configuram uma ‘disciplina’, mas uma área onde diferentes disciplinas interagem, visando ao estudo de aspectos culturais da sociedade” (HALL *apud* ESCOSTEGUY, 2010, p. 137). Cabe aqui então dizer que os Estudos Culturais têm na análise literária várias bifurcações de olhares para um texto.

Nesse viés, pode-se dizer que os Estudos Culturais se constituem como uma prática de diálogo da teoria e crítica literária, operando com os conceitos de outras áreas do saber científico (como cultura, identidade, hibridismo, memória, ente outros), ao apresentar uma vocação política dos estudos relacionados à cultura, à arte e à literatura. Pode-se dizer então que “as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais compõem seu eixo principal” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 138-139).

Nesse aspecto, diz-nos Richard Johnson: “Os Estudos Culturais [...] exercem uma grande influência sobre as disciplinas acadêmicas, especialmente sobre os Estudos Literários, a Sociologia, os Estudos de Mídia e Comunicação, a Linguística e a História” (JOHNSON, 2010, p. 9). No caso especial deste texto, cabe evidenciar a importância deles para a Literatura Comparada.

ESTUDOS CULTURAIS E LITERATURA COMPARADA: OS ENTRELAÇAMENTOS

Conforme foi dito anteriormente, os Estudos Culturais jogaram luz sobre os estudos da Literatura Comparada no sentido de expandir as discussões para além do eurocentrismo literário.

Porém, importa ressaltar que o ponto de apoio da Literatura Comparada tradicional era evidenciado pela identificação de dependência cultural dos países colonizados, cujos olhos estavam direcionados para a Europa, matriz e modelo.

Compreendendo o texto como um caldeirão de possibilidades inquietas, a Literatura Comparada, dispõe de imensa relevância na mobilidade, nos entrecruzamentos culturais e nos movimentos temporais das ideologias contidas nos textos literários. Não é de hoje que percebe-se que há muito de frescor em textos de escolas literárias do século XIX e XX, ao mesmo tempo em que enxerga-se a marca da tradição em textos contemporâneos. Pela lente da Literatura Comparada é possível vislumbrar estes movimentos em que nem o tempo, nem a discussão têm pontos fixos, transcendem aquilo o que um olhar limitante de um crítico literário possa querer pôr em evidência.

Como fundamento para este pensamento, o texto *Permanência do discurso da tradição no Modernismo*, de Silviano Santiago, no momento em que ele destaca que até mesmo nos textos de vanguarda, se bem olhada, a tradição se faz presente:

Na segunda reflexão já me encaminho para o propósito básico do trabalho: indagar, nesta revisão presente do Moderno e do Modernismo, se a questão da tradição (do chamado “passadismo”, como a tradição era vista pelos olhos da década de 20) esteve realmente ausente da produção teórica de alguns autores modernos, ou da produção estética dos modernistas brasileiros. A resposta é não. Há uma permanência sintomática da tradição dentro do Modernismo. Aviso de passagem que estaria caindo numa série de lugares-comuns, lugares-comuns para nós hoje, se tivesse adotado a postura oposta, isto é, se quisesse descobrir, dentro do Moderno e do Modernismo, os traços indiciadores da estética da ruptura ou da paródia (SANTIAGO, 2002, p. 198).

Evidencia-se aí a importância dos postulados dos Estudos Culturais para o fomento de uma leitura crítica e, neste sentido, ressalta-se a necessidade da formação do leitor tanto do ponto de

vista da estética quanto culturalmente, a fim de se obter uma leitura interdisciplinar, ou seja, uma leitura que transite por distintas áreas do saber, nos textos literários. Para tanto, vale rever o conceito de recepção crítica e de paródia para que esta ação se efetive.

No âmbito da recepção crítica e da divulgação da literatura na contemporaneidade, seria possível considerar que as condições de recepção e difusão da literatura na contemporaneidade ultrapassam, em certa medida, os limites que separam a crítica especializada daquela produzida pelos demais agentes da indústria da cultura, ao que se podem nomear de crítica especializada e crítica não especializada. Esta se encontra mais próxima do leitor que está fora da universidade, porém tem gosto pela literatura, neste caso, formando um público leitor cada vez mais diminuto. Ao contrário, vê-se, na internet, um público leitor em maior número, com frequência, apreciando mais uma apresentação geral da obra que uma análise dela, que geralmente é feita apenas para fins de lançamento do produto literário.

Consoante Gomes (2010):

No Brasil, a crítica cultural não tem buscado novas formas para fortalecer a exploração do texto literário. Nos últimos anos, temos, de um lado, análises culturalistas que deixam de explorar os aspectos estéticos do texto; do outro, uma tradição que, em vez de valorizar o texto literário, fala da crítica de determinado autor ou da história da recepção de uma obra, como acontece com a expressiva fortuna crítica de Machado de Assis. O jovem de hoje conhece mais os comentários sobre o texto do mestre do que sua literatura (GOMES, 2010, p. 28).

Ainda com o reforço de Gomes (2010) em seu texto *Leitura e Estudos Culturais* assevera, depreende-se que a leitura do texto literário tem sido pouco explorada em sua amplitude, nas escolas, e, por isto é temerário o reducionismo do texto à teoria ou apenas aos aspectos estruturais.

A falta de leitor para o texto literário é uma preocupação mundial. Para alguns, a forma como a literatura está sendo explorada nas escolas está distanciando o leitor em formação do texto literário. Como moderador, o professor tem o papel fundamental de aplicar os aspectos teóricos a uma proposta de ensino interativa e não pode deixar que a teoria sufoque a curiosidade do leitor. Nessa moderação, o professor deve valorizar tanto os elementos estruturais quanto os referenciais para a construção de uma leitura mais complexa (GOMES, 2010, p. 28).

No que tange à paródia, o jogo é com o texto parodiado, nele, inverte-se ou nega-se o que está posto, aproveitando as brechas, as lacunas daquilo que o outro deixou de dizer: são os ditos e os interditos, muito embora se evidenciem rastros do texto original. Assim, a paródia é uma releitura de texto, na brecha deixada nas entrelinhas do texto.

Dessa forma, constata-se que, dentro dos estudos da Literatura Comparada, a recepção crítica e a paródia se constituem como uma prática de leitura interdisciplinar, pois se configuram como um roteiro de leitura que oferece ao leitor a oportunidade de entender as inquietações sobre os conflitos sociais e, para que isto ocorra, é necessário um olhar interno e externo para o texto.

Na perspectiva da Literatura Comparada, pode-se, então, considerar a leitura literária das duas formas de interpretação, ou seja, a estética e a cultural. Então, para além dos aspectos estéticos literários, põe-se em relação as leituras possíveis de serem feitas: a do âmbito cultural com o intuito de privilegiar a cultura de massa, como uma reflexão social do ponto de vista estético, quando se traz para a discussão as diferenças de gênero textual e a diversidade cultural implícita neles (HALL, 1999). Para o autor, o melhor é utilizar a leitura interdisciplinar como alternativa, aquela que perpassa todos os âmbitos e amplia as possibilidades de leitura literária, dado o seu caráter universal.

Do ponto de vista crítico-cultural, a Literatura Comparada pode intervir na provocação de uma leitura multifacetada do texto literário, revelando várias nuances a depender da perspectiva do leitor. Conduzindo ao desenvolvimento de pesquisas que poderão apresentar seus sujeitos a partir de novos ângulos: do empoderamento, da autonomia, enfim, da (in) subordinação discutindo-se o que já está posto sobre o sujeito com Síndrome de Down, socialmente, e o contrário disto.

Como define Umberto Eco (2003, p. 208), o leitor estético é aquele que vai além do que “foi narrado no texto” em valorização do “como foi narrado o texto”. No texto, o leitor estético analisa como os problemas sociais foram representados artisticamente. Numa proposta de interdisciplinaridade, entende-se que na pauta do exercício do leitor crescem-se questões afirmação de identidades, identificação da gama ideológica do autor. Segundo Gomes (2010), ao corroborar com a proposição de Eco (2003, p. 29): “privilegia-se o ato de ler como um exercício de comparações artísticas e culturais”. Assim compreendida, a Literatura Comparada é uma forma específica de interrogar os textos literários na sua interação com outros textos, literários ou não, e outras formas de expressão cultural e artística (CARVALHAL, 2006, p. 74).

Dessa forma, é razoável dizer que a Literatura Comparada, hoje, pode investigar essas dobras discursivas que dão pistas para o entendimento de que não há rupturas ideológicas, mas sim, entrelaçamentos e sombras, que vão sendo revelados (ou não) a depender do arcabouço político-ideológico que cada crítico literário possa ter, assim, com as ferramentas da Crítica Cultural torna-se possível acionar o texto literário em seus entremeios, vislumbrando em seu caráter universal, as singularidades.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, pode-se concluir que a Literatura Comparada sob a inspiração dos Estudos Culturais (ou Cultural Studies) tem adquirido outros contornos nos meios acadêmicos para a compreensão de aspectos ligados à subjetividade da criação artística e cultural de um indivíduo ou grupo.

Entendê-la (a Literatura Comparada), portanto, requer pensar: Comparar o quê? De que forma? Comparar ou relacionar? Com efeito, estes desafios devem nortear novas metodologias para a análise, a crítica literária e, sem dúvida, para a leitura literária.

Tudo isto só certifica que o diálogo entre a literatura e as demais formas culturais é um diálogo possível. Literatura Comparada, Leitura literária, Estudos Culturais, tendo cada um, em seus centros de interesse investigativo, embora com metodologias próprias, a relação da arte com as transformações da sociedade.

Assim, pode-se encontrar um fio que ligará o caráter da Literatura Comparada com pesquisas de cunho crítico cultural mirando diversas temáticas por outras óticas, pondo em relação o pensamento eurocêntrico e o periférico, num diálogo permanente, num jogo dialético que ora se distancia, ora se aproxima.

REFERÊNCIAS

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Série Princípios).

CARVALHAL, Tânia Franco. "Teorias em Literatura Comparada". In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 2, n. 2, p. 9-17, 1994.

COUTINHO, Eduardo. "Fronteiras Imaginadas: O Comparatismo e Suas Relações Com a Teoria, a Crítica e a Historiografia Literárias". In: ANDRADE, Ana Luiza, CAMARGO, Maria Lucia de Barros, ANTELO, Raul (Org.). *VI Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada*. Florianópolis: Leituras do Ciclo, 1998.

ECO, Umberto. *Ironia intertextual e níveis de leitura*. In: ECO, Umberto. Sobre literatura. 2. ed. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. “Estudos Culturais: Uma Introdução”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org. e trad.). *O Que É, Afinal, Estudos Culturais?* 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

GOMES, Carlos Magno. Leitura e Estudos Culturais. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 16, 2010. Disponível em: <https://abralic.org.br/downloads/revistas/1415576014.pdf>. Acesso em: 30 out. 2021.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. De Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

JOHNSON, Richard. “O Que É, Afinal, Estudos Culturais?”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org. e trad.). *O Que É, Afinal, Estudos Culturais?* 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: História, Teoria e Crítica*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2015. RD-Ano 7, Vol. 7, N. 14 ISSN 2318-2229 PPGL-UFAM. Disponível em: <http://periodicos.ufam.edu.br/Decifrar/index>. Acesso em: 30 nov. 2020.

SANTIAGO, Silvano. *Nas malhas das letras*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.